

## A barricada: fechando a faculdade, abrindo outros caminhos<sup>1</sup>

Marta Calejo\*

José Miranda\*

### Greve ocupação em Belas Artes

No início do mês de Abril assistiu-se ao reacender da contestação por parte dos estudantes universitários no Porto. Os estudantes da FBAUP (Faculdade de Belas Artes do Porto) ocuparam a mesma para protestar contra o aumento das propinas, contra o RJIES (novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior), contra os cortes na Acção Social e contra Bolonha. Essa decisão decorreu de uma assembleia onde cerca de 100 estudantes de Belas Artes se pronunciaram em larga maioria pela ocupação e pelo fechamento das portas como formas de luta contra a crise instalada no ensino superior público. No dia seguinte, 1 de Abril, decorreu uma manifestação em frente à reitoria promovida sob o lema “mentira do dia: acção social”.

Os protestos, que partiram sobretudo da faculdade de belas artes e da faculdade de letras da universidade do Porto, alcançaram bastante mediatização e trouxeram para cima da mesa muitos dos problemas mais fundamentais da universidade pública e que ultimamente tinham vindo a cair no esquecimento. Obrigaram também a reitoria da universidade a reagir e anunciar bolsas extraordinárias para as situações de emergência – o que não pode ser considerada uma vitória, uma vez que essas bolsas extraordinárias têm como contrapartida para o estudante que dela usufrui a prestação de serviços às faculdades, sendo uma exploração inadmissível dos estudantes que mais necessitam da acção social. No entanto, é sem dúvida uma mostra importante de como através do conflito social se consegue despertar o poder para os problemas dos estudantes, porque a isso é obrigado.

---

<sup>1</sup> “A barricada fecha a rua mas abre o caminho” é uma das frases célebres do Maio de 68

É mais que claro, após anos de marasmo do movimento estudantil, que a luta de gabinetes nada resolve. A vitória dos estudantes por um ensino público, verdadeiramente democrático será atingida pela luta social, sendo que, para esse caminho, é imperativo a existência de um movimento forte, composto pela massa estudantil que force a alterações nas políticas educativas. Sem essa luta, de nada serve o esforço de mediação entre estudantes e direcções de faculdade ou direcções de reitorias. Com ela, mais força terão as vozes dos colegas presentes nos órgãos de decisão.

Várias foram as discussões acesas em torno da legitimidade da assembleia que foi tida no dia anterior à ocupação e que votou a favor da mesma. Para nós a equação é bastante simples. As últimas assembleias convocadas com legitimidade estatutária pelos órgãos que provisoriamente representam os estudantes não atingiram, sequer, quórum. Desta vez, porque foram convocados para uma assembleia onde se iria tratar dos problemas do ensino superior, os estudantes responderam em maior força. Queremos crer que os estudantes não são apáticos por natureza: quando percebem que uma assembleia aborda temas inócuos, está envolta em burocracias e não discute os problemas que os afectam, nela não irão participar. Mas, pelo contrário, quando são convocados para uma assembleia onde se discute a sua vida e os seus problemas relacionados com o seu percurso na universidade e onde são chamados a pronunciarem-se sobre o assunto, aí a vontade de participar é esmagadora, quer no número de pessoas que esgotava grande parte das cadeiras e dos degraus do auditório principal, quer na acesa discussão que se gerou.

A ideia da ocupação, formulada em assembleia, resolvia ainda duas necessidades que os estudantes tinham naquele momento da sua luta: 1) a ocupação de Belas Artes serviria para a produção de material durante a noite para a manifestação que ocorreria nas horas seguintes à porta da Reitoria; 2) apenas trancando as portas poderiam os estudantes ter total liberdade para aderir ao protesto da referida manifestação de 1 de Abril sem estarem coagidos pelas faltas ou pela perda de matéria.

Movimento estudantil debelado por políticas educativas de cariz neo-liberal

As reformas trazidas por Bolonha e pelo RJES seguem categoricamente a cartilha neo-liberal, ou seja um ensino voltado para o mercado de trabalho, onde cursos como filosofia, história, literatura, artes plásticas são vistos como apenas como buracos orçamentais.

Nos últimos anos a universidade tem sido uma das instituições mais afectadas pela globalização neoliberal que vivemos e a aplicação de Bolonha, o novo Regime Jurídico

e a passagem da universidade ao estatuto de fundação são a expressão mais concreta de todo esse processo: cursos que estão a ser adaptados às necessidades do mercado de trabalho, mercantilização da investigação e também uma gestão tecnocrática do espaço da universidade que condiciona a participação estudantil e o pensamento crítico – aliás o curtíssimo financiamento atribuído a este projecto editorial pela reitoria da universidade, e que nem sequer permitiu que este saísse em papel, é um sinal que evidencia isso mesmo.

À medida que o poder económico penetra na universidade, que agora necessita de encontrar financiamentos privados (“auto-financiamento”) para contrariar as políticas de desinvestimento no ensino público, esta – a universidade – deixará de ser um local onde o pensamento crítico da sociedade encontra refúgio, um local onde se pode pensar e repensar o mundo livremente, uma vez que a lógica do lucro passa a imperar: a qualquer investigação da qual não resulte nenhuma patente ou lucro não lhe caberá financiamento, o conhecimento que não interessa ao mercado de trabalho não merece ser ensinado (são gravíssimas as repercussões já verificadas no conhecimento leccionado tanto pela modificação e condicionamento dos conteúdos programáticos, como pela importação da lógica gerencialista para dentro da universidade, que terá consequências em cursos mais difíceis de produzir lucro, como o caso de história e filosofia, que viram os seus departamentos da faculdade de letras serem diluídos num só, provavelmente por ser mais “eficiente”), os oradores e as conferências que não promovam positivamente e mediaticamente a faculdade não poderão ser fruídas, pois a lógica que impera é também a da concorrência entre faculdades e todo e qualquer momento de debate apenas vale se dele reverter valor (material, simbólico...) para a faculdade.

Outra consequência que decorre da aplicação deste novo regime jurídico é que, para além de retirar representação aos estudantes nos órgãos de gestão, faz sentar nestes grandes figuras do meio empresarial (Rui Moreira no caso da UP) sob o escudo de “personalidades da sociedade civil” – e é sabido o quão largas tem sido as costas da “sociedade civil” para que os direitos nos sejam roubados em prol dos senhores do mercado. Os estudantes têm um peso relativo francamente menor do que aquele que é o seu peso na comunidade académica, não sendo de admirar que o interesse e a disponibilidade para a participação estudantil seja cada vez mais reduzida.

As propinas, consequência do subfinanciamento estatal, tornam a universidade numa instituição que exclui. Muitos continuam barrados fora do ensino superior, impedidos de entrar e de aspirar a uma vida melhor. Embora um curso superior já não garanta um emprego, quem tem uma formação de nível superior continua a estar mais protegido face a precariedade e, em termos gerais, menos vulnerável ao desemprego e à exclusão. Quanto mais as propinas crescem, mais a universidade reproduz as desigualdades sociais, mais ela se torna numa instituição que exclui, e portanto, menos pública, menos democrática e mais elitista. E quando a propina não se apresenta como

uma condicionante incontornável, muitas vezes atira para a malha do crédito e do endividamento milhares de jovens que não tem outra solução para prosseguir estudos: será com salários precários ganhos em trabalhos precários que muitos destes estudantes irão pagar o seu diploma.

E foi assim que, à medida que o processo de liberalização foi avançando pelas nossas universidades públicas, a par, é certo, de uma despolitização generalizada na sociedade portuguesa, assistimos a sucessivas e desmobilizadoras derrotas do movimento estudantil que deram lugar à mercantilização das relações no espaço da universidade, e que a foram deslocando (à universidade) para muito longe de um qualquer projecto de emancipação social, em que a universidade teria que ser sempre um dos eixos centrais. A promoção de uma cultura estudantil muito marcada pela praxe e as associações de estudantes muito mais viradas para a gestão de serviços do que para o conflito político estudantil também foram dois marcos que prejudicaram imenso o movimento e que de modo nenhum se demarcam das observações anteriores: a primeira (a praxe) tem subjacente uma grelha de valores que não promove a crítica, o inconformismo ou a liberdade, que vai sendo uma prática dominante e que é bastante coerente com as propostas do projecto neo-liberal para o ensino, a segunda é consequência dos vários factores apresentados anteriormente e um processo que culmina com a anulação do papel político nas estruturas de representação estudantil que tinham uma função fundamental na estruturação do movimento.

### A luta emancipadora

No início deste mês, os estudantes, professores e investigadores da Sorbonne, epicentro da luta estudantil do Maio francês, recuperaram o lema "sous les pavés, la plage" ("sob a calçada, a praia") fechando a boulevard Saint-Michel com uma tonelada e meia de areia, em protesto contra as políticas do seu governo para a universidade e contra o RJIES francês.

O Maio de 68 irá ser sempre uma referência importante para a luta estudantil, para a luta por uma universidade livre e autónoma. Foi o momento histórico em que o poder foi fortemente contestado e posto em causa, em que ideias novas fizeram caminho e enfrentaram o poder.

Na assembleia em que se aprovou a ocupação, e ao longo da ocupação, dentro e fora da faculdade, sentimos que a universidade cumpria de novo uma função que raramente tem sido promovida como sua: pensar o mundo.

No fim da ocupação as portas foram abertas para que todos os presentes na rua discutissem com aqueles que tinham cumprido a vontade da maioria da assembleia do

dia anterior. Estudantes, professores, funcionários, jornalistas, todos foram convidados a debater a acção e as razões dela.

A ocupação de Belas Artes, com todos os erros estratégicos que conteve, acabou por ser um acto que confrontou o poder e que poderá ter aberto muitas portas para a luta, que teve o mérito de mostrar que os caminhos traçados pelos estudantes em Paris, em Barcelona e Valência ou até em Atenas não são utopias irrealizável ou acontecimentos tidos em realidades distantes da nossa. Os primeiros passos para uma nova fase da luta estão dados. Sim, porque não haja dúvida de uma coisa: se os estudantes gregos não pagam propinas e ainda têm subsídios para que os seus livros sejam pagos pelo estado é, não por uma, mas por várias razões – tantas quanto as vitórias que os estudantes foram acumulando ao longo dos anos, incluindo o caminho preparado para o derrube da ditadura militar em 1973.

Último comunicado da ocupação – “Não Chega”<sup>2</sup>

Não chega

Após a ocupação de Belas Artes e os protestos realizados em frente à Reitoria, esta anunciou, pela voz da vice-reitora Maria de Lurdes Correia Fernandes, um “fundo de apoio extraordinário para acorrer aos estudantes que se encontram em situação de fragilidade”. A Reitoria já reconhece o que todos sabemos. A situação no ensino superior é grave. As propinas, além de injustas, tornam-se inoportáveis. A acção social é totalmente insuficiente. Bolonha tem significado um ensino mais mercantil e mais caro. As Faculdades – a de Belas Artes como tantas pelo país – têm problemas concretos que é urgente resolver: bar, reprografia, horários, faltas, salas, reformulação de cursos.

Hoje percebemos, pela declaração da Reitoria, que só a luta traz mudanças. Hoje percebemos que só a luta desperta os poderes para a dimensão dos problemas que existem.

Esta ocupação valeu a pena. Quanto mais não seja, porque hoje toda a gente discutiu os problemas da Faculdade. Essa é uma primeira vitória de uma luta que continua.

Hoje decidimos não ficar calados. A faculdade é nossa. Belas Artes pertence aos estudantes. Hoje dignificámos a nossa instituição e honrámos o seu nome e a sua tradição de inconformismo. Porque já chegava de silêncio e fomos exemplo para muitos estudantes e muitos professores que percebem a gravidade da situação como ficou explícito com as declarações do Professor Paulo Almeida ao Público. Todas as escolas pertencem a todos os estudantes de todo o país. Nós, ocupantes, saudamos toda a solidariedade que recebemos. Representamo-nos a nós, aos que em assembleia

---

<sup>2</sup> Último post no blogue da ocupação da faculdade de belas artes que foi testemunhando os acontecimentos por dentro: [ocupacaobelasartes.blogspot.com](http://ocupacaobelasartes.blogspot.com)

decidiram a acção e à injustiça que todos os estudantes sentem. Preocupa-nos que todos os dias as escolas impeçam a entrada a estudantes que não têm condições, na sua maioria monetárias, para entrar na Universidade. Preocupam-nos os estudantes que, por isso, todos os dias ficam barricados do lado de fora do ensino superior.

Dentro da Faculdade tivemos a solidariedade de três estudantes da Faculdade de Letras. Saudamos todos os nossos colegas de todas as Faculdades. Não é só solidariedade. É mais do que isso. É aprender a fazer a luta em conjunto.

Saudamos todas as mensagens de solidariedade que recebemos. É bom saber que há tanta gente connosco. Agradecemos a quem nos escreveu, aos estudantes que nos deixaram mensagens no blog. Da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, da Universidade do Algarve, da Universidade de Coimbra, Rádio Universitária, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, da Universidade de Tessalónica, na Grécia, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, da Universidade do Minho – Grupo AGIR, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e dos Estudantes Unidos – MEIEU, da Universidade de Barcelona, do ISCTE, da ESAP. Hoje, estiveram todos connosco em Belas Artes do Porto.

O que hoje foi anunciado pela Reitoria é um pequeno remendo para um barco a afundar. Não chega.

É preciso mudar o financiamento, para não termos faculdades sem condições, sem serviços, com horários restritos e sem coisas básicas como bar e reprografia. É preciso mais acção social para assegurar que não há mais estudantes a deixar de estudar por não terem dinheiro. É preciso pôr em causa Bolonha e a sua lógica. É preciso recuperar a democracia e rejeitar a transformação da Universidade em fundação.

Em tantas Faculdades e Universidades do país, sabemos que há estudantes que olharam para nós e sentiram que é possível dar expressão à revolta. A partir de hoje, temos mais confiança.

Para nós, a luta continua. Em Belas Artes e em todos os lugares onde for preciso.

\* José Miranda – Estudante e activista político no Ensino Superior.

\* **Marta Calejo** - Licenciada em Design Gráfico na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde actualmente frequenta o Mestrado em Design de Imagem. Activista política em vários movimentos.